

A situação sociolinguística na região fronteira de Misiones (Argentina-Brasil): observações a partir de levantamentos preliminares para o ‘Atlas das línguas em contato na fronteira’

Martina Steffen

Angaben zur Veröffentlichung / Publication details:

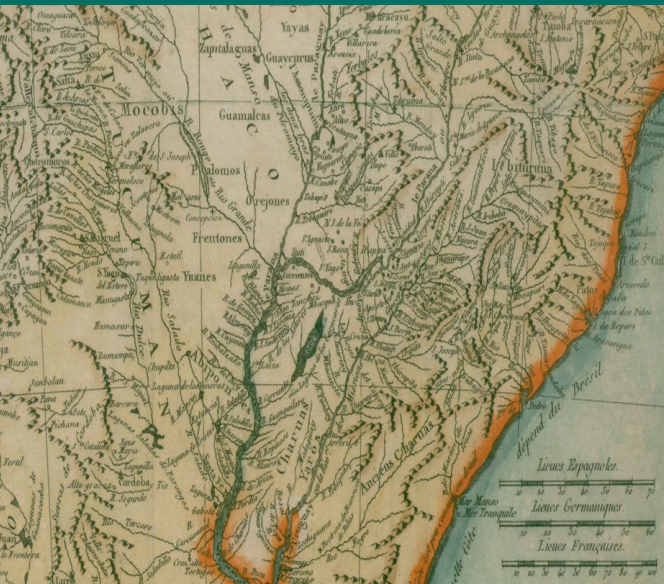
Steffen, Martina. 2025. “A situação sociolinguística na região fronteira de Misiones (Argentina-Brasil): observações a partir de levantamentos preliminares para o ‘Atlas das línguas em contato na fronteira’.” In *Plurilinguismo e contatos linguísticos: 10 anos do grupo Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF)*, edited by Cristiane Horst, Marcelo Jacó Krug, and Joachim Steffen, 29–48. Norderstedt: BoD.

Nutzungsbedingungen / Terms of use:

CC BY-NC 4.0

Cristiane Horst, Marcelo J. Krug, Joachim Steffen

Plurilinguismo e Contatos Linguísticos



10 anos do
Grupo Atlas das
Línguas em
Contato na
Fronteira (ALCF)

Plurilinguismo e Contatos Linguísticos

10 anos do grupo Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF)

Cristiane Horst, Marcelo Jacó Krug, Joachim Steffen

Plurilinguismo e Contatos Linguísticos

**10 anos do grupo Atlas das Línguas em Contato na
Fronteira (ALCF)**

Para citar esta publicação, utilize por favor este link:

<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:bvb:384-opus4-1188624>

Informação bibliográfica da Biblioteca Nacional Alemã:

A Biblioteca Nacional Alemã registra esta publicação na Bibliografia Nacional Alemã; dados bibliográficos detalhados estão disponíveis na Internet em dnb.dnb.de.

O volume completo é publicado pelos editores em Acesso Aberto sob a licença CC-BY-NC 4.0 e editado e disponibilizado por meio do repositório OPUS da Universidade de Augsburg. Todas as citações de textos e imagens estão protegidas por direitos autorais. Todos os direitos, incluindo reprodução, publicação, edição e tradução, estão reservados.

© 2025

Cristiane Horst, Marcelo J. Krug, Joachim Steffen

Produção e Editora: BoD – Books on Demand, Norderstedt

A publicação foi apoiada com recursos da Universidade de Augsburg.

A ilustração da capa apresenta um recorte da região abordada no livro, com base em um mapa do cartógrafo Jean-Baptiste Bourguignon d’Anville, datado de 1733.

ISBN: 9783769377651

Sumário

Cléo V. Altenhofen

Prefácio 1

Felício Wessling Margotti

Contribuições da língua italiana na formação do português no sul do Brasil 5

Martina Steffen

A situação sociolinguística na região fronteira de Misiones (Argentina-Brasil):
Observações a partir de levantamentos preliminares para o ‘Atlas das línguas em contato
na fronteira’ 29

Cristiane Horst, Celina Eliane Frizzo, Ana Elizabeht Fornara, Marcelo Jacó Krug

Por uma educação plurilinguística – reflexões sobre trabalho com a diversidade
linguística na escola: um olhar para a BNCC 49

Edenize Ponzo Peres, Marco Antônio de Oliveira

Panorama dos estudos de contato entre o português e as línguas italianas de imigração no
Espírito Santo 75

Ediene Pena Ferreira, Marco Antônio de Oliveira

Diversidade linguística no oeste paraense: o perfil dos alunos indígenas da Universidade
Federal do Oeste do Pará 95

Joachim Steffen, Marcelo Jacó Krug

Gramaticalização induzida por contato linguístico: o caso de algumas partículas modais
nas variedades de bilíngues no Sul do Brasil 111

Simone de Sousa Naedzold, Antonio Carlos Santana de Souza

Considerações sobre atlas linguísticos: a constituição linguística dos falares do/no Brasil
..... 129

Neusa Inês Philippsen

Siclano ou sicrano: variante linguística motivada por assimilação ou preconceito
linguístico? 151

Sanimar Busse

Crenças e atitudes linguísticas: o encontro de línguas e falares no oeste do Paraná..... 177

Rayani Andressa da Cruz Oliveira, Cristiane Schmidt

Desafios do ensino de variação linguística em tempos de pandemia da covid-19:
revisitando algumas sugestões pedagógicas..... 195

Sobre os autores 215

A situação sociolinguística na região fronteiriça de Misiones (Argentina-Brasil): Observações a partir de levantamentos preliminares para o ‘Atlas das línguas em contato na fronteira’

Martina Steffen

Universität Augsburg – UNiA (Alemanha)

1. Introdução

No âmbito do projeto e grupo de pesquisa *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* (ALCF), de julho de 2017 até junho de 2018 desenvolvi o projeto de pós-doutorado “A linguagem da fronteira. Um estudo pluridimensional da variação e do contato entre o português e o espanhol na região fronteiriça entre Brasil e Argentina”, financiado pela CAPES. O projeto teve como objetivo o levantamento e a análise de dados sobre as variedades maioritárias (português no lado brasileiro, espanhol no lado argentino) da região fronteiriça entre Santa Catarina/Paraná e a província de Misiones, Argentina, assim como as circunstâncias do contato entre elas. Com as gravações de entrevistas linguísticas e de conversas livres feitas em 3 localidades diferentes da fronteira (ver abaixo) e a subsequente análise dos dados, foi possível obter uma primeira impressão da situação linguística na região e do funcionamento do questionário utilizado, possibilitando assim uma preparação bem direcionada para o futuro levantamento de dados no âmbito do projeto do ALCF.

Neste artigo pretende-se apresentar informações sobre a situação sociolinguística da região estudada, baseadas primordialmente em declarações obtidas pelos mesmos informantes (cap. 5), e fazer observações sobre determinadas questões metodológicas que precisam ser revisadas para um bom funcionamento do futuro levantamento de dados (cap. 3 e 4).

As localidades incluídas nas entrevistas foram San Antonio e Bernardo de Irigoyen no Departamento General Manuel Belgrano, a nordeste da província de Misiones, e do lado brasileiro, Santo Antônio, no Paraná. Trata-se de cidades gêmeas, especialmente

apropriadas para estudar o contato linguístico entre o espanhol e o português: Bernardo de Irigoyen (Ar) – Dionísio Cerqueira (SC) – Barracão (PR) formam uma cidade só, sem separação geográfica, embora pertencentes a diferentes países, e San Antonio (Ar) – Santo Antônio do Sudoeste (PR) estão ligadas por uma ponte sobre o rio Santo Antônio.

2. O projeto do ALCF

O ALCF, como macroprojeto, pretende constituir uma base de dados adequada para um atlas linguístico-contatual das línguas minoritárias com o português e o espanhol na região de Fronteira no Sul do Brasil. Como primeiro passo para atingir o objetivo de estudar o contato entre as línguas minoritárias (p. ex. hunsriqueano, talian, guarani etc.) e as maioritárias (espanhol e português), é indispensável conhecer detalhadamente as características regionais das últimas, visto que o contato não se realiza entre línguas padronizadas, mas entre variedades dialetais (ou regionais). Mesmo que o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) e o *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) ofereçam uma documentação básica para o lado brasileiro, não existe uma fonte documental comparável para o espanhol do outro lado da fronteira. Infelizmente, não existem muitos estudos linguísticos que abranjam ou se refiram especificamente à variedade de espanhol da província de Misiones. Nos estudos gerais sobre o espanhol da Argentina, o espanhol de Misiones está normalmente incluído na descrição da *Región guaranítica* ou *nordeste* (que também inclui Corrientes, o leste de Formosa e Chaco, o nordeste de Santa Fé e uma área de Entre Ríos)¹. No âmbito do projeto do *Atlas Lingüístico-Antropológico de la República Argentina* (ALARA) e dos inquéritos realizados para a Província de Corrientes, foram também incluídas algumas localidades do sudoeste de Misiones (Kovacci, 2003, p. 140), mas até agora só foram publicados alguns trabalhos

¹ Na publicação *El español de la Argentina* de Vidal de Battini (1966) existem algumas menções específicas sobre o espanhol de Misiones, mas geralmente está incluído na descrição da *Región guaranítica*. Na descrição do espanhol do nordeste argentino de Abadía de Quant, incluído na obra *El español de la Argentina y sus variedades regionales* de Fontanella de Weinberg (2000), as observações referem-se principalmente às capitais das províncias de Chaco, Corrientes, Formosa e Misiones. Exemplos de obras que estudam especificamente a variedade missioneira são, por exemplo, De Ramos (2017) que analisa aspectos morfossintáticos do espanhol em Oberá ou Sanicky (1996, 2001, 2008) que estuda aspectos fonéticos missioneiros.

sobre aspectos específicos de outras regiões², e, infelizmente, o projeto não foi continuado devido a problemas de financiamento (Kovacci, 2003, p. 143). Uma boa contribuição para conhecer a situação linguística da região é a obra de Hugo Amable (*Las figuras del habla misionera*, 1975), escritor e professor na Universidade Nacional de Misiones, que chegou a Misiones em 1958 e se interessou pelas particularidades da fala missioneira.

Todas estas obras mencionadas nem cobrem o multilinguismo existente na região nem o contato entre o português e o espanhol e, o que é de maior importância ainda, não dispõem de uma metodologia pluridimensional (em outras palavras, não levam em consideração outras dimensões de variação além da diatópica). Outros projetos de atlas linguísticos que já têm em conta o aspecto do multilinguismo e do contato entre línguas são, por exemplo, o *Atlas Lingüístico Guaraní Románico* (ALGR), que possui um banco de dados voltado para o contato entre as línguas espanhola, mbyá guarani e portuguesa, envolvendo três países (Brasil, Argentina e Paraguai), ou o *Atlas Lingüístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata – Hunsrückisch* (ALMA-H), o mais recente dentre eles que finalizou os levantamentos dos dados em 2015 e passou para a fase de organização do material e das transcrições. Também podemos citar o *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU) que contribui metodologicamente com o ALCF e que como objetivo não tem só a documentação da variação do espanhol dentro do Uruguai, mas também a descrição do contato entre o espanhol e o português na região da fronteira entre o norte do Uruguai e Rio Grande do Sul.

3. Metodologia pluridimensional

O ALCF pretende adotar a metodologia da dialetologia pluridimensional que apresenta várias vantagens sobre a dialetologia tradicional, já que além de estudar a variação diatópica das línguas, também inclui parâmetros da sociolinguística. Desta forma é possível atingir uma visão mais realista da variação linguística porque com essa metodologia levam-se em conta características típicas das sociedades modernas, e especialmente das latino-americanas, tais como o povoamento relativamente tardio de certas regiões, o alto índice de imigração e a grande mobilidade da sociedade. Para isso, também é levado em consideração dimensões como a diastrática, que estuda as diferenças na fala de indivíduos

² Por exemplo: Colantoni (2001) “Préstamos léxicos del guaraní en el español de la Provincia de Corrientes” ou Kovacci (1992) “El objeto directo anafórico en el español de la provincia de Corrientes y un caso de interferencia del guaraní”.

pertencentes a distintos estratos socioculturais, a diageracional, que observa o comportamento linguístico de diferentes faixas etárias, a diassexual, que compara a fala de homens e mulheres, e a dimensão diafásica, que abrange as diferenças entre os distintos estilos de fala, só para mencionar as mais importantes. Nos atlas pluridimensionais a variação diastrática é registrada por meio do grau de escolaridade (somente estudos primários: Cb (classe socioculturalmente baixa) vs. mínimo educação secundária acabada: Ca (classe socioculturalmente alta)), a variação diageracional geralmente está representada por duas gerações distintas permitindo observar uma mudança em curso (GI: 18 a 36 anos vs. GII: acima de 55 anos), e a variação diafásica é considerada por meio de três estilos de uso da língua, incluindo conversa livre, respostas a perguntas do questionário e leitura. Este último estilo, mais monitorado, representa o menos livre, já que pressupõe a “tradução” de um texto preestabelecido do meio gráfico para o meio oral. Neste caso, por exemplo, é de se esperar uma pronúncia mais cuidada do que na conversa livre. Esta última dimensão pode ser interessante para identificar variações de pronúncia na fala do mesmo informante. Mais um aspecto importante da metodologia na hora de fazer o levantamento de dados é a pluralidade de informantes. Isto significa que cada grupo de entrevista se constitui de mais de um informante entrevistado simultaneamente. Isso garante maior clareza e detalhamento de processos de convergência e divergência da variação linguística em foco. Para obter uma documentação linguística equilibrada será necessário fazer quatro entrevistas por localidade, diferenciando entre duas gerações, informantes jovens e mais velhos, e ao mesmo tempo considerando dois graus de escolaridade.

3.1 Reflexões sobre a dimensão diastrática e a biografia linguística dos informantes

No âmbito deste estudo preliminar, por razões de tempo, infelizmente não foi possível encontrar grupos de classe sociocultural baixa (Cb) monolíngues de espanhol do lado argentino da fronteira. Estes, sem dúvida, devem existir, embora provavelmente em menor medida (e por isso são mais difíceis de encontrar), uma vez que nessa região de Misiones são sobretudo os brasileiros ou os seus descendentes que pertencem aos estratos socioculturais mais baixos. Muitos deles moram nas regiões rurais e afastadas, trabalhando a terra (por exemplo, na colheita de tabaco). A população de língua espanhola monolíngue geralmente tem empregos para os quais é necessário um bom nível de espanhol, não poucos são imigrantes de outras províncias argentinas (por. exemplo, Corrientes, Chaco) atraídos por empregos em áreas como o exército, a polícia, a administração pública e a

educação. Nas zonas mais urbanas também os descendentes de brasileiros hoje em dia frequentam escolas secundárias. Esses fatos em relação à educação escolar devem ser levados em conta nos futuros levantamentos de dados, e, talvez, até seja preciso contemplar uma subdivisão diferente para registrar a dimensão diastrática, sobretudo nas gerações jovens que, hoje em dia, geralmente têm melhor acesso à educação.

Nos primeiros inquéritos verificou-se também que para o futuro levantamento do ALCF é necessário adotar critérios específicos para determinar os graus de bilinguismo/monolinguismo dos informantes. Aconteceu que, inclusive pertencendo a um mesmo grupo de mesma classe sociocultural e de mesma geração, pudesse haver grandes divergências com relação ao conhecimento das duas línguas da região entre os integrantes dependendo da sua biografia pessoal. Para a análise destas entrevistas preliminares, ativemo-nos aos próprios critérios dos informantes e às informações fornecidas sobre o seu modo de vida. Nas conversas sobre as línguas que falam e a situação linguística na fronteira, surgiram constelações muito diversas de diferentes graus de conhecimento/uso das línguas. Para além do fato de os próprios critérios poderem contradizer a realidade, algumas constelações são difíceis de definir, por exemplo, no caso de um informante que diz falar muito mal o português, mas que, no entanto, atravessa diariamente a fronteira para fazer compras no Brasil conseguindo comunicar-se. Por outro lado, precisa-se ter em conta que não só por morar na região fronteira seja evidente que todos os moradores falem as duas línguas: isso depende do caso individual.

Para as futuras pesquisas, seria necessário pensar num método específico de classificação, por exemplo, adaptando a escala de bilinguismo sugerida por Palacios (2005: 87) à situação fronteira: monolíngue de português – bilíngue incipiente (funcional) – bilíngue consecutivo (aquisição da L2 não completa) – bilíngue simultâneo ou simétrico – monolíngue de espanhol (e vice-versa). Também poderia servir de referência o questionário de *The Bilingual Language Profile* oferecido pela Universidade de Texas de forma gratuita e aberta na internet³. Por conseguinte, no contexto de fronteira é necessário ter em conta a competência linguística dos falantes além da variação diastrática e diageracional, e para uma comparabilidade adequada dos dados não será suficiente registrar somente a língua dominante dos entrevistados.

³ Disponível em: <https://sites.la.utexas.edu/bilingual/>.

3.2 Observações sobre a linguística variacional perceptiva

No estudo das línguas, tradicionalmente sempre foi a produção linguística que teve preferência tanto empírica como teoricamente em detrimento da percepção linguística (cf. Krefeld; Pustka 2010). Decerto seria aconselhável ter em conta esta linha de investigação relativamente recente dentro da linguística variacional. Na primeira parte do questionário (cf. cap. 4), a parte sociolinguística, se pergunta por dados metalinguísticos dos informantes, como os seus conhecimentos linguísticos. Esta parte já é uma contribuição para conhecer algumas representações linguísticas dos falantes sobre a sua percepção das diferenças entre as variedades faladas na região, onde veem as fronteiras entre essas variedades ou a valorização delas (atitudes linguísticas, auto e hétero-representações). Além disso seria interessante incluir na pesquisa futura alguns dados propriamente perceptivos, procedentes de uma percepção concreta (e não só das representações formadas na mente do falante no transcurso da sua vida). Por exemplo, se poderiam utilizar áudios com imitações ou caricaturas de formas de falar da região e registrar as valorizações dos informantes com respeito a estas realizações concretas: procedência presumida do falante, avaliação da variedade etc.

Outro aspecto importante, justamente para a região fronteiriça, é a ideia da maioria dos falantes que em uma região de fronteira não pode existir uma variedade de língua “pura”. Praticamente todos os informantes acham que falam misturado por causa do contato de línguas. É fundamental levar em conta as percepções e representações dos falantes sobre a situação linguística de fronteira no estudo do contato de línguas porque essas representações podem conduzir o estudo numa direção determinada. É preciso verificar se essa autopercepção sobre a mistura de línguas corresponde com a realidade linguística.

4. Questionário e entrevistas

Para a elaboração do questionário espanhol-português foi possível recorrer à modelos como os questionários do ADDU, ADDU-Norte ou ALERS (cf. cap. 2), além do questionário já existente do ALCF de Krug (2013), concebido para investigar o contato entre o português e o *Hunsrückisch*. Aqui foi necessária a adaptação para o espanhol e o português de aspectos relevantes também para essas línguas (perguntas metalinguísticas, temas lexicais). Para a parte morfossintática foram fundamentais os atlas já mencionados, ademais de uma análise contrastiva do português e do espanhol para levar em conta os temas mais interessantes nessa situação de contato. O questionário consiste em cinco

partes: na primeira, a parte sociolinguística, se pergunta por dados metalinguísticos dos informantes, incluindo sua biografia e seus conhecimentos linguísticos, segue a parte lexical com 93 perguntas sobre tópicos como as partes do corpo, alimentação, flora e fauna etc.; a terceira parte se dedica à morfossintaxe com 87 perguntas sobre aspectos como o gênero dos substantivos, pronomes (de tratamento), construções sintáticas, tempos verbais etc.; finalmente, há a parte fonética que consiste em perguntas sobre fonemas específicos e a tradução de frases para a outra língua para verificar a pronúncia de fonemas determinados. Ao final da entrevista, os informantes são convidados a ler a parábola do filho pródigo (Lucas 15:11-32) em voz alta. Na maioria dos casos, durante ou após as entrevistas, surgiram conversas espontâneas de forma que também a variação diafásica é incluída na coleta de dados, sendo possível comparar três estilos diferentes: o estilo de leitura controlado, as respostas um pouco mais livres às perguntas específicas do questionário e, finalmente, a conversa livre. Pode acontecer que alguns informantes afirmem não conhecer uma das formas perguntadas, mas depois a utilizem espontaneamente na conversa, ou que a pronúncia de um certo fonema na conversa livre difere da pronúncia mais monitorada do estilo de leitura.

Depois de considerar a opção de seguir o exemplo do ADDU-Norte e fazer dois questionários separados para cada idioma, por fim, achei mais conveniente fazer um questionário só para as duas línguas com as mesmas perguntas para o espanhol e para o português. Algumas questões talvez sejam especialmente interessantes mais para uma das duas línguas, mas na maioria dos casos funcionou bem elaborar o questionário de forma paralela. Assim, no caso de entrevistar falantes bilíngues espanhol-português pode-se perguntar sempre pelas formas na outra língua também.

4.1 Considerações sobre entrevistas bilíngues

Como já foi mencionado no cap. 3, além da variação diastrática e diageracional, nesse contexto de fronteira é necessário ter em conta a competência linguística dos falantes. Depois de ter estabelecido uma escala de bilinguismo aplicável à situação linguística na região fronteira missionária (considerando diferentes graus de bilinguismo, as línguas maternas dos informantes, a sua língua dominante e o uso que fazem das línguas no dia a dia), é necessário tomar uma decisão com respeito a realização das entrevistas: fazer a entrevista em uma das duas línguas (a dominante) e perguntar pontualmente pela outra, ou, se o informante for um bilíngue simétrico, fazer duas entrevistas completas, uma em cada língua? Uma questão muito relevante a ter em conta é a uniformidade e

comparabilidade dos dados levantados. A opção de fazer entrevistas nas duas línguas nos casos possíveis e somente perguntas pontuais na outra língua nos outros, levará a uma coleção de dados não comparáveis. Por conseguinte, é indispensável decidir de antemão como aplicar o questionário em cada situação. Seria importante, por exemplo, determinar um número de questões ou formas da outra língua a serem incluídas sem falta durante a entrevista, no caso de conhecimentos na outra língua por parte do falante (sempre ficando aberta a oportunidade de perguntar por mais formas se o informante estiver motivado, mas mantendo um denominador comum para todas as entrevistas). Também é questionável se, no caso de bilíngues simétricos, uma dupla-entrevista seria o ideal porque leva muito tempo e há o perigo de esgotar a paciência do informante.

4.2 Problemas na hora de perguntar por estruturas gramaticais

No transcurso das entrevistas surgiu uma dificuldade metodológica sobretudo na parte morfossintática do questionário, na qual, muitas vezes, os informantes não entenderam o que era esperado deles e, assim, foi difícil obter respostas mais ou menos espontâneas justamente com as estruturas que interessavam na pesquisa. Em vez da tarefa de completar uma frase com a estrutura esperada, talvez seja mais vantajoso eliciar respostas desejadas utilizando imagens ou até vídeos que mostrem uma situação determinada à qual o informante há de reagir. Da mesma forma, para os pesquisadores não sempre é fácil parafrasear o que se exige do informante, como se pode constatar no exemplo seguinte:

46.	Se eu tivesse dinheiro, ... (fazer presente a ele) Si tuviera dinero, ... (hacer un regalo a él) (cf. ADDU Norte 691)
P	a) dar-lhe-ia um presente, b) lhe daria um presente, c) daria um presente a ele
E	a) le haría un regalo

Questionário Português/Espanhol do ALCF (Steffen 2017)

Mais importante ainda resulta a questão de que muitos informantes têm conhecimentos passivos ou sabem aplicar certas estruturas gramaticais durante a entrevista, mas depois na parte das conversas livres não usam essas estruturas. Para conhecer realmente o uso que fazem os falantes de certas questões morfossintáticas, poderia ser mais proveitoso gravar um número maior de conversas livres e cortar um pouco

a parte morfofossintática da entrevista, que é, na minha experiência, a mais cansativa e não necessariamente reflete o uso que fazem os falantes da língua.

5. Situação sociolinguística do português e espanhol na região da fronteira

Antes de poder fazer estudos detalhados do contato linguístico na região em questão, é indispensável uma investigação de base para definir as variedades do português e do espanhol faladas nessa região e, assim, obter informações consistentes que funcionem como referência para pesquisas futuras de contato linguístico. Igualmente é de suma importância conhecer bem a situação sociolinguística dos falantes para poder avaliar de forma correta os dados linguísticos levantados. Neste capítulo se apresentarão informações sociolinguísticas da região fronteira de Misiones obtidas pelos informantes nas já mencionadas entrevistas preliminares (ver Introdução) para, assim, conhecer a percepção dos mesmos habitantes da região sobre as línguas faladas no seu entorno.

5.1 Origem dos habitantes

Os entrevistados coincidem em que a maioria da população no Departamento General Manuel Belgrano é de origem brasileira, sobretudo na região da fronteira leste (Amable, 1975, p. 27; Vidal de Battini, 1966, p. 77 e os dados do censo de 2010⁴). Muitos dos argentinos nascidos ali são descendentes de imigrantes brasileiros que começaram a vir primordialmente a partir dos anos 20 do século XX (Salvador, 2006, p. 31). Os descendentes de brasileiros concentram-se mais nas zonas rurais e trabalham como agricultores. Muitos dentre eles são ao mesmo tempo descendentes de europeus (alemães, italianos, polacos, ucranianos etc.) imigrados para o sul do Brasil no século XIX. É por isso que a maioria dos habitantes de Misiones tem algum parente próximo ou distante no Brasil. Também é comum existirem casais mistos argentino-brasileiros. Ao mesmo tempo há imigração de outras províncias da Argentina, como Corrientes ou de mais longe, sobretudo por razões de trabalho em âmbitos públicos (docência, exército, polícia, administração). Já na fronteira oeste da província, existe imigração paraguaia. Do lado

⁴ Segundo o censo de 2010 o Departamento General Manuel Belgrano tem 43 000 habitantes, dos que 2350 são estrangeiros e destes 2060 (88%) são do Brasil. Disponível em: <https://www.indec.gob.ar/indec/web/Nivel4-CensoProvincia-3-7-54-049-2010>. (22.03.2022).

brasileiro nesta região fronteira, os moradores são principalmente descendentes de imigrantes alemães, italianos ou polacos provenientes do Rio Grande do Sul. Todos os entrevistados estão de acordo em que há muito mais brasileiros na Argentina do que argentinos no Brasil.

5.2 Conhecimento e caracterização do espanhol e português falados na região fronteira

Para conseguir uma imagem completa da situação linguística da região, não é somente de interesse ter em conta os resultados especificamente linguísticos dos inquéritos, mas também a consciência linguística dos falantes, ou seja, considerar o ponto de vista deles, sobre questões como os limites entre as variedades faladas, a sua percepção das diferenças entre variedades e a valorização a respeito das variedades (atitudes linguísticas). Essas informações se obtêm da primeira parte do questionário e de conversas livres com os informantes.

5.2.1 Argentina (zona fronteira Dep. General Manuel Belgrano)

Com respeito às línguas faladas do lado argentino da fronteira é necessário distinguir dois grupos de falantes diferentes: os que têm como língua materna (ou do lar) o espanhol e os que têm como língua materna o português.

Na zona fronteira do Departamento General Manuel Belgrano, devido à origem brasileira de uma principal parte da população, muitos habitantes têm o português como língua materna e língua principal do lar. Mesmo tendo imigrado para a Argentina há várias gerações, continuam conservando o português como língua da família. Alguns, sobretudo os que vivem da agricultura em zonas afastadas, aprendem o espanhol só por necessidade para as ocasiões em que precisam ir para as cidades e fazer trâmites no banco, nas instituições públicas, ir ao médico etc., e fazem uso do espanhol unicamente nessas situações. Já as pessoas que têm/tiveram um maior acesso à educação pública têm um bom nível de competência em espanhol, língua oficial da Argentina e única língua da educação formal na maioria das escolas (ver cap. 5.4). Mesmo que as crianças de famílias de origem brasileira, que moram em ou perto de cidades, já entrem em contato com o espanhol antes de começar a escola, a maioria delas (assim falaram os próprios informantes) tem dificuldades no rendimento escolar por causa da situação linguística em que se encontram

(ver cap. 5.4). As interferências do português no espanhol também são vistas como um problema por parte dos professores. No entanto, o nível de competência em espanhol não depende só da escolarização, mas também da profissão e os costumes do cotidiano das pessoas.

A língua portuguesa falada pelos descendentes de brasileiros pela maioria dos falantes é caracterizada como “portunhol” ou uma “mistura” devido à situação de contato com o espanhol (CbGIIp⁵: “Acá no hay espanhol nem português, é portunhol”). Eles mesmos acham que o seu português não é o mesmo que o português do lado brasileiro, visto que muitas vezes, quando se encontram do outro lado da fronteira, os brasileiros os reconhecem como “castelhanos”. Uma característica do português na região norte de Misiones é ter status de “língua sem teto” e, por isso, carecer de registros formais por não haver escolaridade nessa língua. Esse português tem traços do português rural do sudoeste brasileiro e do português falado em geral, mas o grau de influência do espanhol é um aspecto que ainda há de ser estudado com detalhe (Steffen 2024). As primeiras impressões mostram que as pessoas pouco escolarizadas têm fortes tendências de misturar as línguas e não parecem falar uma variedade estável de português. Os mesmos informantes afirmam: “cuando hablamos portugués le incorporamos palabras del español” (CaGIp). Não obstante, ao perguntar por alguma palavra determinada do espanhol usada falando português, ninguém dos entrevistados se lembrou de uma ou soube dizer uma frase misturando as línguas como exemplo. A única menção de uma palavra não padrão utilizada no “portunhol” foi a forma verbal “fumo” em vez de “fomos”. Entretanto, não é possível generalizar sobre os conhecimentos das línguas, já que a biografia linguística individual tem grande importância e pode variar consideravelmente até na mesma comunidade ou família.

Os conhecimentos de português dos hispanófonos da região fronteira variam muito de pessoa a pessoa e também dependem da biografia individual. A maioria sem dúvida tem conhecimentos passivos de português, seja pelos meios de comunicação (a televisão brasileira é mais acessível do que a argentina, v. 5.3), seja pelo hábito de fazer compras no Brasil ou pela convivência com os lusófonos. Alguns têm um interesse pessoal pela língua portuguesa e aprendem-na por gosto ou têm cônjuges brasileiros ou outros familiares morando no Brasil (para mais detalhes sobre o espanhol de contato cf. Steffen, 2021). Naturalmente o conhecimento de português das pessoas que vêm de outras regiões argentinas por trabalho é mais baixo. É preciso lembrar que geralmente não há ensino de português nas escolas e por isso quase ninguém sabe escrever em português. Da mesma

⁵ “p” indica como língua dominante o português.

forma que os lusófonos, os hispanófonos mencionam o “portunhol” como fenômeno típico da fronteira (CaGIIe⁶: “se cruzan los vocabularios”; “en reuniones sociales se mezclan las lenguas”).

Outro fator extralinguístico importante com respeito à competência das línguas (além da escolarização) parece ser a idade dos falantes. Lusófonos bem como hispanófonos mencionaram que os jovens falam muito bem as duas línguas, podendo considerá-los bilíngues. Os primeiros aprendem o espanhol na escola (CbGIp: “la gurizada habla en castellano en clase y afuera solo el portugués”), os segundos aprendem o português através da televisão (CaGIIe: “todos los jóvenes son así acá [falam as duas línguas] porque se criaron mirando la Globo”).

Um ponto em que estiveram de acordo todos os entrevistados, argentinos e brasileiros, é que geralmente os argentinos se esforçam mais em falar e aprender ou português, pelo contrário são poucos os brasileiros que falam o espanhol.

5.2.2 Brasil (zona fronteira Paraná/Santa Catarina)

Do lado brasileiro da fronteira se pode dizer que o português é a língua normal do lar (em alguns casos além de alemão ou italiano). A maioria dos informantes entrevistados diz que só fala português, mas igualmente quase todos acrescentam que acham importante aprender o espanhol e que o entendem. Explicam que é mais fácil entender do que falar em espanhol: “o espanhol a gente enrola, eu entendo bastante, assim falar mesmo a gente não tem costume, a gente enrola, né? mas falar não, só português brasileiro” (CbGIp). Em uma situação em que perguntei a um grupo de informantes idosas se conheciam alguma palavra em espanhol, a resposta foi a seguinte: “Eu não!”, “Eu menos ainda!” [risadas], “Eu sei o que eles estão falando, mas se for para mim pronunciar, não vai sair, quando meus netos falam, daí eu sei mais ou menos o que estão falando” (CbGIIp). Muitos comerciantes do lado argentino são brasileiros, por isso na maioria dos casos para os brasileiros que vão fazer compras na Argentina nem é necessário falar em espanhol. Além do mais, também funciona a comunicação cada um falando na sua língua.

Uma questão interessante é a percepção de que os brasileiros da fronteira têm do espanhol fronteiro. Os entrevistados o caracterizam como um espanhol “não muito refinado”, “um espanhol de fronteira”, um “portunhol” que não é um “castelhano puro”. O único informante brasileiro que por razões de trabalho tem um bom nível de espanhol

⁶ e indico como língua dominante o espanhol.

(ele é escritor e participa de encontros literários na Argentina) considera o “fenômeno do portunhol” “muito errado” e se queixa de “erros grotescos” que são cometidos por outros falantes (mas não se lembra de nenhum exemplo). Para ele o portunhol é mais um fenômeno da Argentina, consideração que fica confirmada pelos falantes entrevistados do lado argentino que na sua totalidade mencionam o problema da mistura de línguas.

Se poderia dizer que o contato entre as línguas espanhol e português acontece principalmente na região de fronteira do lado argentino e nos comércios de ambos os lados da fronteira, onde tem lugar a situação (proto)típica de intercâmbio entre as duas nacionalidades.

5.2.3 O portunhol e as suas diferentes acepções

Segundo as afirmações dos informantes o conceito de *portunhol* pode ser entendido de diferentes formas. Para falantes de português que moram em Misiones trata-se da sua própria maneira de falar português, o seja, de uma mistura do português com o espanhol. Também para os hispanófonos argentinos o *portunhol* é o tipo de português que falam os descendentes dos imigrantes brasileiros e não tem status de língua. Além disso, o espanhol com interferências do português igualmente é classificado de *portunhol*. Ao mesmo tempo, *portunhol* caracteriza “algo inventado”, uma forma de falar que surge em encontros mistos (quando cada um tenta falar a língua do outro). Para alguns, até seria a língua ideal da fronteira, projetando o seu uso como meio de comunicação normal no futuro. Do mesmo modo, para os informantes do lado brasileiro o *portunhol* faz referência ao português dos brasileiros que moram na Argentina, mas também designa o espanhol falado por brasileiros com muito poucos conhecimentos de espanhol (um espanhol improvisado) (Lipski, 2017, p. 400-401).

5.3 Convivência e mídia

Para compreender melhor a situação da fronteira e os contextos em que falantes de diferentes línguas entram em contato, perguntamos aos informantes pelos seus costumes cotidianos, as suas preferências no consumo de mídia e os contatos com “o outro lado”.

Para muitos moradores de San Antonio ou Bernardo de Irigoyen, a convivência com o Brasil tem lugar diariamente, por exemplo, para almoçar num restaurante, ir ao dentista, visitar um familiar ou fazer compras no outro lado da fronteira. Apesar de ter outro

idioma, a relação com os vizinhos é estreita. Existe, por exemplo, um projeto turístico, o *Parque Turístico Ambiental de Integração*⁷ na divisa entre Bernardo de Irigoyen e Dionísio Cerqueira, que serve para impulsionar a atividade turística, comercial e cultural da região e assim fomentar o respeito das culturas de cada um dos países; ou o *Calendário da Fronteira* que mostra em fotografias os pontos turísticos de ambos os lados. Também se organizam eventos, como, por exemplo, encontros para assistir a jogos de futebol ao ar livre no parque mencionado.

Também os brasileiros passam regularmente a fronteira para visitar familiares que moram do lado argentino ou para fazer compras (em parte por razões econômicas, devido ao preço mais baixo de alguns produtos como farinha, óleo ou produtos de limpeza).

Apesar de o espanhol hoje em dia ser mais acessível através da internet, em filmes etc., a televisão é em primeira linha brasileira por razões técnicas. Sobretudo em zonas afastadas, o acesso ao sistema de televisão se faz por antena parabólica podendo receber assim os canais brasileiros (Globo, SBT), mas não chega o sistema de cabo para receber os canais de Buenos Aires ou as notícias da província; em outros casos o acesso aos canais argentinos é muito recente. Nesse sentido, uma informante comenta: “tardó mucho en llegar el Canal 12 de Posadas”, “los niños se criaron viendo la Xuxa” (CaGIIe). Outro informante argentino explica a sua própria experiência crescendo com a televisão brasileira: “Ahora en Puerto Iguazú la influencia del portugués no es tan fuerte [...] Yo me críe con la televisión brasilera, [...] el cambio en esta zona de tecnología y comunicación se dio hace 25 años para acá, yo todavía he recibido toda la influencia del *portunhol* y aprendimos por los *desenhos animados*” (CaGIIe).

5.4 As línguas no sistema educativo

Como já foi mencionado, em Misiones a situação linguística é vista como problemática no âmbito da educação. Os informantes entrevistados estão de acordo que falar várias línguas é uma riqueza, mas também veem os desafios e problemas que acompanham a situação de contato de línguas na região fronteira. A única língua dos estabelecimentos educativos (salvo algumas poucas exceções) é o espanhol. Desde a criação do Mercosul em 1991, o fomento do ensino de português forma parte da política linguística oficial da Argentina, embora quase não se tenha levado à prática (Patzelt; Herling, 2013, p 793) e unicamente em poucas escolas de fato ensina-se o português (por exemplo, na Escuela de frontera

⁷ Disponível em: <http://cifronteira.com.br/projetos-e-obras/turismo/>.

Bilingüe – Intercultural Nº 604 Juan Carlos Leonetti, em Bernardo de Irigoyen). Segundo uma informante professora de Irigoyen, no Dep. General Manuel Belgrano existem duas escolas secundárias com o português como língua estrangeira e três escolas primárias, mas são poucas as horas administradas. Apesar do português ser por lei língua estrangeira obrigatória no ensino, não é implementado de forma séria por razões financeiras ou desinteresse das autoridades. Segundo ela, professores não faltam, a UNaM de Posadas (com sede em várias cidades) oferece um *profesorado* de português⁸. Uma informante professora que participou num projeto bilíngue de intercâmbio de professores entre Argentina e Brasil, organizado pela escola bilíngue mencionada, comentou que em outras cidades da região (Iguazú, San Javier) os projetos bilíngues foram suspensos, entre outras coisas, por diferenças administrativas entre os dois países, por exemplo: um problema é a diferença nos feriados entre os dois países, além disso, no Brasil tem um total de 200 dias de aula, mas na Argentina só de 180; no Brasil não parecem respeitar as licenças gerais (na Argentina os professores têm direito à 6) ou as licenças por motivo de doença (30 dias na Argentina) ou em razão de doença em pessoa da família (mais 30 dias), no Brasil o professor que falta paga ao suplente, na Argentina nesse caso mandam os alunos para casa etc. Outra questão que dificulta o andamento do projeto é a falta de formação dos professores em relação ao ensino de línguas estrangeiras: “es difícil porque no estudiamos para enseñar a alumnos que hablan otro idioma”, explica a professora que participou do intercâmbio. À pergunta se os alunos brasileiros gostam de aprender o espanhol ela contestou sem hesitação: “No. Es un fracaso, nosotros tratamos... se portan terrible, son terribles, no sé cuántas veces más terribles que los alumnos nuestros porque nosotros vamos y somos como un suplente, viste, el maestro [...] no tiene autoridad [...] porque ellos obedecen a la maestra original”. Em suma, aparte da falta de formação, são problemas administrativos e de autoridade dos professores estrangeiros os que dificultam o êxito do projeto.

Por outro lado, existe um projeto que parece ter mais sucesso: “Jóvenes emprendedores de la trifrontera”, do que participam as cinco maiores escolas do lado argentino. Nesse caso, fomentam-se os conhecimentos da língua através de livros em português com conteúdos e atividades que estimulam o interesse dos alunos em serem jovens empresários. A informante professora de Bernardo de Irigoyen comentou que além de os alunos se familiarizarem com o português escrito, o projeto é importante para os jovens porque na região não existem muitas oportunidades de emprego. No início também houve alguns problemas burocráticos (passar os livros em português pela aduana) e de conscientização das autoridades e em parte até dos pais, que no começo não estavam de acordo com os

⁸ Disponível em: <https://www.fhycs.unam.edu.ar/portada/profesorado-en-portuges/>.

livros em língua portuguesa. Mas atualmente, o projeto parece funcionar bem, como se pode constatar através dos relatos da professora sobre a exposição dos projetos pelos alunos na Argentina e no Brasil.

Na região fronteira do nordeste de Misiones, vários professores entrevistados comentaram que seria muito importante ter aula de português na escola “para salir del portunhol” e para ensinar a escrever esta língua que para muitos na região é a língua materna⁹. Os alunos de escolas rurais ou os que vêm de zonas rurais para estudar em zonas mais urbanas (e moram em albergues) apresentam dificuldades na hora de aprender o espanhol. Muitos só falam espanhol na aula e fora da escola somente português. Nos primeiros anos pode ser até necessário os professores explicarem os conteúdos em português, porque os alunos não entendem suficientemente o espanhol. Uma professora aclara: “Muchos chicos no conocen el vocabulario del español, así que al no conocer, se inhiben, no participan, no interactúan porque no saben cómo decir esa palabra”. Um dos problemas principais, neste caso, também é a falta de formação dos professores. Muitos dos docentes entrevistados veem no portunhol ou português das crianças uma ferramenta para aprender o espanhol e entendem que o português forma uma parte muito importante da cultura dos alunos que deveria ser valorizada na escola. Mas sobretudo quando os professores são provenientes de outras partes da Argentina e nem conhecem esta situação de contato e nem compreendem o português, a situação de ensino se complica por mal-entendidos que possam surgir. Assim, para os professores seria necessária uma formação de espanhol como língua estrangeira (da mesma forma que para os professores argentinos que vão ensinar o espanhol do lado brasileiro), como comenta também uma professora de ensino primário de uma escola rural falando sobre os seus alunos e as dificuldades que surgem na hora de ensinar:

es como que yo les estoy enseñando totalmente otro idioma, las autoridades como que no entienden eso. La calidad de la enseñanza no es la misma [...] Nosotros los maestros para arrancar estamos pedaleando un tractor, ... las autoridades allá de Posadas, como están encerradas en su escritorio [...] no entienden [...]. La calidad educativa tiene que ser para todos. [...] Los chicos tienen todo en su cabecita, las palabritas están todas en portugués [...]. Antes los maestros pegaban a los alumnos... para mí es un re-desafío [ensinar a ler e escrever em espanhol até 2º grau)].

⁹ Segundo a estimativa de uma informante, no município de Irigoyen, 90% dos alunos fala português em casa.

A sua colega, também professora e tradutora, enfatiza: “en las escuelas rurales hay que enseñar el español como lengua extranjera”.

Até os mesmos alunos de uma escola secundária são da opinião que seria bom e útil ter aula de português na escola. A maioria deles sabe falar o português, mas não sabem escrever a sua língua materna. Eles comentam que nas aulas só é permitido falar em espanhol, mas nos intervalos, entre eles, a língua usual é o português. Uma aluna muito consciente considera o fato de falar duas línguas uma riqueza, mas também reconhece que no âmbito acadêmico pode ser um obstáculo, sobretudo na hora dos exames ou exposições que se fazem no colégio. Nessas situações ela se dá conta de que a sua língua materna, o português, interferia na sua produção de espanhol, levando a enunciados não normativos, e assim, às vezes, a más notas. Também um informante de idade mais avançada se lembra das dificuldades que teve no começo na escola por não falar quase o espanhol (“Era proibido falar português na escola, só escondido do professor”, CbGIp).

Do lado brasileiro, em geral, nas escolas se oferecem aulas de espanhol como língua estrangeira, mas apenas no último ano, segundo umas informantes jovens de Sto. Antônio. Elas são da opinião de que seria melhor ter mais aulas desde mais cedo para aprender melhor a língua. Outro informante de idade mais avançada comentou: “Teve uma época em que se ensinava mais [o espanhol], agora já não tanto, passou o entusiasmo... por ser fronteira deveria se entusiasmar mais” (CaGIp).

6. Conclusões

Com estas observações sobre aspectos metodológicos e sociolinguísticos a partir das primeiras experiências de coleta de dados na região fronteira de Misiones, espero contribuir para um bom funcionamento do projeto do ALCF.

Os resultados mais importantes com respeito aos aspectos metodológicos seriam:

1. levar em consideração uma adaptação da dimensão diastrática, sendo uma das razões que é cada vez mais difícil encontrar jovens com pouca escolaridade;
2. ter em conta os diferentes graus de conhecimento das línguas e utilizar um método específico de classificação dos informantes segundo o seu grau de monolinguismo/bilinguismo;
3. dar mais importância às representações e percepções dos informantes sobre a situação linguística de fronteira (comparar as representações e a realidade linguística);

4. tomar uma decisão sobre a extensão das entrevistas com respeito às duas línguas em questão (um denominador comum para todas as entrevistas de formas perguntadas nas duas línguas, aplicação ou não de entrevistas bilíngues);
5. revisar o funcionamento das questões morfossintáticas e gravar mais conversas livres.

A propósito da situação sociolinguística é de importância destacar que o contato entre o espanhol e o português acontece principalmente na região de fronteira do lado argentino e nos comércios de ambos os lados da fronteira, onde há lugar a situação (proto)típica de intercâmbio entre as duas nacionalidades. Para os informantes entrevistados falar várias línguas e viver nessa situação de contato de culturas é uma riqueza, mas ao mesmo tempo estão preocupados com os desafios e problemas que a acompanham, sobretudo no âmbito do ensino.

Referências

- ABADÍA DE QUANT, Inés. El español del Nordeste. In: WEINBERG, María Beatriz Fontanella de (org.). El español de la Argentina y sus variedades regionales. 1. ed. Buenos Aires: Edicial (Colección Edicial universidad), 2000, p. 101–137.
- AMABLE, Hugo. Las figuras del habla misionera. Santa Fé (Argentina): Editorial Colmegna, 1975.
- BATTINI, Berta Elena Vidal de. El español de la Argentina. Estudio destinado a los maestros de las escuelas primarias. 2. Aufl. Buenos Aires: Consejo nacional de educación, 1966.
- CARDOSO, Suzana A.; MOTA, Jacyra A.; AGUILERA, Vanderci d. A. ALiB: Atlas lingüístico do Brasil. Londrina: Edue, 2014.
- COLANTONI, Laura. Préstamos léxicos del guaraní en el español de Corrientes (Argentina). In: DE LA CRUZ, Isabel (ed.). La lingüística aplicada a finales del siglo XX. Alcalá de Henares: Univ. de Alcalá, 2001, p. 309–316.
- DE RAMOS, Patricia. Estratégias de realização do objeto direto anafórico de terceira pessoa no espanhol de Oberá – Misiones (Argentina): um estudo sociolinguístico. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.
- KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário S. ALERS: Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil; cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2011.

- KOVACCI, Ofelia. El objeto directo anafórico en el español de la provincia de Corrientes y un caso de interferencia del guaraní. In: *España y el Nuevo Mundo: Un diálogo de 500 años*. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 1992, p. 1307-1320.
- KOVACCI, Ofelia. Atlas lingüístico-antropológico de la República Argentina. *Boletín de la Academia Argentina de Letras*, p. 267-268, jan./jun. 2003.
- KREFELD, Thomas; PUSTKA, Elissa. Für eine perzeptive Varietätenlinguistik. In: KREFELD, Thomas; PUSTKA, Elissa (eds.). *Perzeptive Varietätenlinguistik*. Frankfurt a.M.: Peter Lang, 2010, p. 9-28.
- KRUG, Marcelo. Questionário pluridimensional do atlas das línguas em contato na fronteira: Missões, no Brasil e Misiones, na Argentina, 2013.
- PALACIOS, Azucena. Aspectos teóricos y metodológicos del contacto de lenguas: el sistema pronominal del español en áreas de contacto con lenguas amerindias. In: NEUMANN-HOLZSCHUH, Ingrid; ZIMMERMANN, Klaus; NOLL, Volker (eds.). *El español en América: Aspectos teóricos, particularidades, contactos*. Madrid, Frankfurt am Main: Iberoamericana, 2005, p. 63–94.
- PATZELT, Carolin; HERLING, Sandra. *Weltsprache Spanisch: Variation, Soziolinguistik und geographische Verbreitung. Handbuch für das Studium der Hispanistik*. Stuttgart: Ibidem-Verl, 2006.
- SALVADOR, Claudio G. *Fundadores en tierra colorada*. Posadas, Misiones, Argentina: Ed. Univ. Nacional, 2006.
- SANICKY, Cristina. Las variaciones de /s/ final en el habla de mujeres y hombres en Misiones, Argentina. *Bulletin of Hispanic Studies*, v. 73, p. 311–324, 1996.
- SANICKY, Cristina. Influencias en el comportamiento de /r/ final en el habla dialectal de Misiones, Argentina. *Bulletin of Hispanic Studies*, v. 78, p. 137–154, 2001.
- SANICKY, Cristina. Las variantes de /j/ en Misiones, Argentina: estudio diacrónico-sincrónico. *Bulletin of Hispanic Studies*, v. 85, p. 599–608, 2008.
- STEFFEN, Martina. Am Rande des brasilianischen Portugiesisch: Portugiesisch-spanischer Sprachkontakt im Grenzgebiet von Misiones, Argentinien. In: MERLAN, Aurelia; SCHÄFER-PRIEB, Barbara (eds.). *Randromania im Fokus: gesprochenes Galicisch, Portugiesisch und Rumänisch*. Frankfurt a.M.: Peter Lang, 2024, p. 155-176.
- STEFFEN, Martina. Questionário Português/Espanhol do ALCF (não publicado).
- STEFFEN, Martina. “Acá no hay español nem português, é portunhol”. El español en contacto con el portugués en Misiones (Argentina). In: PALACIOS, Azucena; BLESTEL, Élodie (eds.). *Variedades del español en contacto con otras lenguas*. Berlin: Peter Lang, 2021.

- THUN, Harald. ADDU: Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay. Kiel: Westensee-Verlag, 2000a.
- THUN, Harald. ADDU – Norte: Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay – Norte. Kiel: Westensee-Verlag, 2000b.
- THUN, Harald; DIETRICH, Wolf. ALGR: Atlas lingüístico guaraní-románico. Kiel: Westensee-Verlag, 2009.
- WEINBERG, María Beatriz Fontanella de (org.). El español de la Argentina y sus variedades regionales. 1. ed. Buenos Aires: Edicial (Colección Edicial universidad), 2000.